

8.

IGREJA DO SALVADOR DE AVELEDA

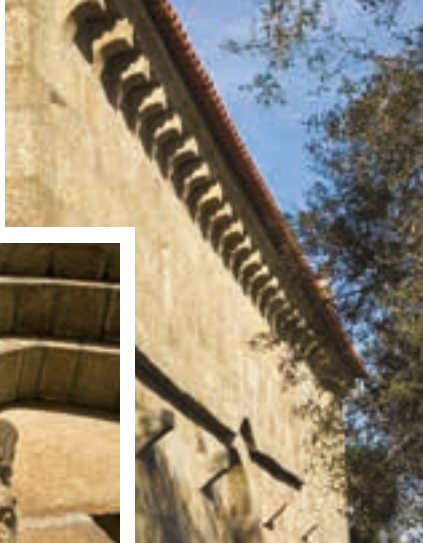


	Avenida da Igreja Aveleda Lousada
	41° 16' 46.51" N 8° 15' 10.95" O
	918 116 488
	Sáb. 17h30/18h30 (inv./ ver.); dom. 10h30
	Divino Salvador 6 agosto
	Imóvel de Interesse Público, 1978
	P. 25
	P. 25
	x

Vale a pena uma visita à Igreja do Salvador de Aveleda, não obstante a sua simplicidade construtiva. Esta Igreja é um interessante testemunho da longa persistência das formas românicas na arquitetura medieval portuguesa.

É no portal ocidental da Igreja que se conservam os elementos românicos mais evidentes, ainda que muito tardios. Os capitéis, vegetalistas, são todos semelhantes e o recorte das bases tem paralelo com outros exemplares da bacia do Sousa, como as Igrejas de Sousa (p. 38), de Unhão (p. 42) e de Airães (p. 47), em Felgueiras, e de Boelhe (p. 156), em Penafiel.

Os portais laterais, sem colunas, são igualmente sintoma de um românico já muito avançado no tempo. Mais correto será designar estes elementos de “românico de resistência”, tal o aspeto tardio que patenteiam. Os cachorros lisos, que coroam as paredes da nave, são outro sintoma de uma construção que dificilmente será anterior ao final do século XIII ou mesmo ao início do século XIV. Sobre os portais laterais corre um lacrimal que indicia a existência de alpendres, elementos habituais nas igrejas românicas portuguesas.



As primeiras referências documentais à “villa” de Aveleda remontam ao final do século XI quando, em 23 de maio de 1098, Pedro Astrufiz e sua mulher, Emizio Cidiz, vendem a Guterre Mendes e Onega Gonçalves, alguns bens que herdaram na “villa” de Aveleda. Em 1177, surge já uma referência à “ecclesia de Auelaneda”. Vela Rodrigues doa ao Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90) os bens que possuía em Lousada e que herdara de seu pai, Rodrigo Viegas, e dos seus avós, Egas Moniz e Teresa Afonso.

O orago da Igreja, Divino Salvador, consta em documento de 1218 bem como nas *Inquirições de 1258*.

Tratando-se de uma Igreja de origem medieval, estão presentes quer no seu exterior, quer no interior, elementos arquitetónicos e artísticos que testemunham a sua transformação na Época Moderna, como a sacristia, a capela-mor e a torre sineira. São estruturas datadas dos séculos XVII-XVIII e que compõem níveis diferenciados da volumetria do edifício.



Os retábulos colaterais são de elaborado desenho rococó, e o retábulo-mor de traça neoclássica. Todavia, o destaque recai sobre as pinturas do teto da capela-mor, do teto da nave e do arco-cruzeiro, cuja autoria não foi ainda apurada.

O seu autor, perfeitamente integrado na estética rococó, deixou nestas pinturas um traço indelével do seu nível artístico: um programa iconográfico executado pela mão de um excelente artista, onde a

pintura respira autonomia própria, para além da função pedagógica e decorativa do espaço sacro.

Possivelmente, o retábulo-mor que foi substituído pelo atual devia seguir a mesma orientação estética que timbra este espaço. Não fora a substituição do retábulo-mor e estaríamos na presença de uma Igreja paroquial renovada no terceiro quartel do século XVIII, onde a harmonia formal era nota dominante.

ROSETAS

Na Igreja de Aveleda é ainda de referir a existência de uma peça decorada, que se encontra incluída num dos degraus que separa a nave da cabeceira da Igreja. Trata-se de uma peça retangular, em granito, na qual foram escavados dois motivos. Nos extremos há rosetas de seis pétalas enquadradas em círculos e, ao centro, um losango.

A decoração deste elemento, tanto pelos motivos que apresenta como pela técnica de os esculpir, aproxima-se dos frisos da igreja de São Torcato (Guimarães) que, por sua vez, tem paralelo em São Frutuoso de Montélios (Braga). Em São Torcato, uma igreja românica tardia com muitas alterações na Época Moderna, conservaram-se vestígios de um antigo templo

que datam da primeira metade do século X, integrando-se nas correntes moçárabes e do repovoamento do Noroeste. São Frutuoso de Montélios é ainda hoje um edifício pouco esclarecido quanto à sua datação. Os autores que o estudaram atribuem-no ora à arquitetura da época visigótica, ora à da época moçárabe.

Não cabendo discutir aqui a complexidade destas questões, é certo que a peça reaproveitada na Igreja de Aveleda se assemelha aos frisos presentes nos dois exemplares referidos. É possível que corresponda a uma construção mais antiga, que realmente existiu, já que a cronologia da atual Igreja é muito posterior às referências documentais acima registadas.



A NÃO PERDER

• 2,9 km: Centro de Interpretação do Românico (p. 254)